

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

MOREIRA SAMPAIO	A. A.
RÉPROBA	Julio Cesar da Silva.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
MARCHA FUNEBRE	Emilio de Menezes.
A FREIRA	A. Foscolo.
POEMA DA AUSENCIA	Americo Moreira.
MIMOSA	Moreira Sampaio.
AO AR LIVRE	Peres Junior.
VULTOS E FACTOS	Amarante.
PARABOLA	Padre Correia de Almeida.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do Prefeito do Districto Federal
DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

MOREIRA SAMPAIO

Ninguém se fie naquelle rosto imberbe, naquelle aspecto menino: Moreira Sampaio vae fazer quarenta e duas primaveras; nasceu na Bahia aos 9 de Agosto de 1851.

Veio muito criança para esta capital. Metteram-no no collegio Pinheiro, e elle apaixonou-se pelo estudo e por uma das filhas do director do collegio. Casaram-se, e hoje são paes de duas moças.

A' custa de muito sacrificio, Moreira Sampaio formou-se em medicina em Janeiro de 1873; mas trocou a nobre e independente profissão de medico pela de empregado publico, entrando para a Bibliotheca Nacional.

Em Janeiro de 1879, por occasião da reforma da Secretaria do Imperio, nomearam-no official d'essa repartição, onde se conservou até que o Governo Provisorio, logo depois do 15 de Novembro, lhe confiou a direcção do Asylo de Meninos Desvalidos, cargo que ainda occupa e no qual tem prestado muito bons serviços.

Moreira Sampaio teve sempre muito pendor para as letras. Nos tempos de estudante fundou os periodicos *Minerva* e *Aurora litteraria*. Collaborou depois em diversas folhas; creou, em 1887, o *Novidades*, e ultimamente o *Industrial*, interessante diario que não resistio á má escolha do titulo que lhe deram.

Mas o que elle é, sobretudo, é um comediographo; essa é a feição predominante do seu talento. Tivemos um theatro, e o autor da *Rosa murcha* figuraria no primeiro plano, como um dos mais legitimos herdeiros de Martins Penna.

A comedia de costumes, a julgar por algumas peças que elle conseguiu fazer representar, teria em Moreira Sampaio desvelado cultor, digno de todos os applausos.

A apresentação e o estudo, embora superficial, de typos e caracteres; o desenvolvimento das scenas; o encadeamento das situações; o dialogo, a phrase incisiva, theatral; essa coisa que agora se chama *naturalismo*, já se chamou *realismo*, e sempre se ha de chamar *verdade*; todos os segredos, emfim, da arte de fazer comedias, elle os possui, felizmente, alguns por admiravel intuição litteraria, outros pela boaleitura dos mestres.

Em Junho de 1882 escrevia eu na *Gazetinha* o seguinte, depois da representação da comedia dos *Botucudos*:

« Ha muito que esperar das aptidões do Sr. Dr. Moreira Sampaio; se ha um Deus para as coisas do theatro, esse Deus que lhe não deixe esmorecer, que o faça resistir heroicamente á indifferença dos tolos e á malevolencia dos pedantes ».

Reproduzo esse trecho, porque em 1882 eu não tinha ainda relações de amizade com o applaudido comediographo.

Além de um sem numero de traducções, a ultima das quaes é o *Rapaz de saias*, ha pouco tempo exhibido no Sant'Anna; além de duas engraçadas parodias, *Rosa da Puresa*, da *Dalila*, e o *Alferes Buscapé*; da *Aida*; além das revistas o *Mandarim*, *Cocota*, o *Carioca*, o *Bilontra* e *Mercurio*, escriptas em collaboração commigo, e *Dona Sebastiana*, que escreveu sosinho, Moreira Sampaio tem feito

representar as seguintes peças originaes: *Entre o Cassino e a Phenix*, 3 actos; *Fagundes & Companhia*, 3 actos; os *Botucudos* (um primor de graça e observação), 3 actos; *O diabo e o sapa-teiro*, 1 acto; o *Meu amigo Camillo*, 1 acto; o *Carnaval de 1882*, 1 acto, e a *Rosa murcha*, 1 acto, em verso.

Resta-me apenas dizer que Moreira Sampaio é um excellente rapaz, dotado de excellentes qualidades, estimadissimo pelas crianças do Asylo, pelo publico dos theatros, e por seus numerosos amigos.

Esquecia-me dizer que elle chama-se Francisco, já foi delegado de policia e membro do Conservatorio Dramatico, e pertence á directoria do Derby-Club

A. A.

RÉPROBA

Quando o somno me vence, a Alma se me desprega
Do corpo, em torno ao qual voam Tragos enormes,
E parte, trevas fóra, allucinada e céga,
Para velar de perto o leito em que tu dormes.

Pensa que estás dormindo e, trevas fóra, parte...
Parte, mas volta em breve, e outros pezares traz.
Volta, que não te achou onde pensou achar-te;
Volta, que já não sabe em que paiz estás.

Ah! eu bem sei que o teu amor já não existe;
Bem sei que me não vês, bem sei que me não amas;
Bem sei que já não és d'aqui, porque partiste
Para o grande paiz das Trevas e das Chammas.

Bem sei que foste já para o Supplicio-Eterno
E donde se não volta, ó Réproba, jamais!
Bem sei que foste já para esse Mundo-Averno,
Que é o mundo onde se pena e onde se soffre mais!

Vives no Inferno occulta, emquanto eu vivo occulto
Tambem neste outro mundo onde sempre me assombras
Com teu sarcasmo, com teus olhos, com teu vulto
Sempre envolto n'um véo amplissimo de sombras.

Creio ver-te e desperto em sobresalto. A est'hora
Paiam sobre o meu corpo Ephialtas e Avejões.
Singulta o vento, geme a sombra, e o luar que chora
Derrama-se em meu quarto em lividos clarões.

O mal que me fi este eu contei, uma noite,
A Satan que, ao sentir a uncção da minha prece,
Piedosamente para o Inferno carregou-te,
Talvez pensando que eu sem ti viver pudesse.

Matou-te, e eu exultei. Pouco exultei! bem pouco!...
Hoje que te não vejo, hoje que estou sem ti,
Desgrenhado e febril, olhos abertos, louco,
Maldigo a averna mão que te levou d'aqui.

*

A.

Em pedir-vol-a eu sei, Satan, que vos constranjo;
Mas vol-a peço: dae-m'a! é o que minh'Alma anhela.
Quero-a em meus braços, dae-m'a, ó Poderoso Archanjo,
Que eu vos dou a minh'Alma em troca d'Alma d'ella.

Dae-m'a, peço-vos eu com o coração compresso.
Sem ella a minha vida é tão abjecta e van!
Dae-m'a de novo, dae-m'a, eis tudo que vos peço!
Dae-m'a, peço-vos eu, por piedade, Satan!

JULIO CESAR DA SILVA.

(Dos *Sarcasmos*.)

CHRONICA FLUMINENSE

Lá se foi para o Rio Grande do Sul o Sr. Ministro da Guerra, acompanhado por um grande côro, como o seu collega Rhadamés no final do 2º acto da *Aida*.

Eu tambem faço votos para que o Sr. Ministro volte vencedor, sem ter neccessidade de desem-bainhar a honrada lamina contra os seus compatriotas, e nos dê, de torna viagem, um relatorio menos terrivel que a narração do Cid.

Ficamos todos anciosos pelo feliz resultado d'essa viagem, e esperançados de que o Sr. general Francisco de Moura, o seu estado maior e o 32º de infantaria sejam os mensageiros da paz.

*

A noticia da morte de um revolucionario enche-nos de commiserção e terror; a noticia da morte de um ladrão enche-nos... as medidas.

Não! não esperem que a minha piedade vá ao ponto de me fazer verter uma lagrima sentida sobre o tumulo de Antonio Pereira, vulgo Mangericão. Não doam as mãos ao benemerito agente de policia que para sempre nos livrou de semelhante individuo!

Foi pena que o mesmo não acontecesse a Lacurr, o outro ladrão, sorprendido, preso e baleado pela policia no momento em que, com alguns companheiros, tratava de esvasiar o guarda-prata de uma casa em Botafogo.

Para taes malfetores, que nos sobresaltam e arruinam, peço justiça summaria, e uma bala, mas uma bala no coração ou na cabeça, porque, se for em parte que os não mate, ainda em cima seremos obrigados a medical-os á nossa custa. Morte aos ladrões!...

*

O *Album* envia os seus cumprimentos ao chefe militar da revolução republicana do Porto, a quem acaba de ser feita uma grande manifestação pelo Centro Republicano Portuguez, d'esta capital.

MARCHA FUNEBRE

A MAURICIO JUBIM

Baixaste sobre mim teu olhar funerario
N'uma resignação piedosa de hora extrema,
E as palpebras cahindo em alvas de sudario
Velaram-me de todo a luz clara e suprema.

E tacteante no mundo hostile, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meu poema
Illumine e engrinalde e o faça extraordinario
— Um poema em que minh'alma artista ria ou gema—.

Vou para além ouvindo uma musica nova
Feita de pás de terra a te cahir no peito
Como que para pôr o meu amor á prova.

E essa musica ouvindo estranha em seu effeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe á cova
Um funereo e feral requiem de luars feito.

EMILIO DE MENEZES.

A FREIRA

Não a levára ao convento a vocação monastica.
Quando o pae, autoritario e rigido, lhe impoz como
noivo um homem a quem não amava, ou a clausura,
vendo ficar eternamente no olvido aquelle, cujas
cavatinas amorosas, por noites enluaradas, lhe dul-
cificavam o coração, depois de haver appellado, com
supplicas e lagrimas—argumentos da mulher— para
o amor paterno, escolheu o convento como uma das
partes do dilemma.

Mas, enclausurada embora, a sua paixão, como
a agoa comprimida, resaltára com mais força.

As carnes de seus membros, bem contornados e
~~bastos, foram-se depauperando~~ pouco a pouco; tor-
nou-se esqueletica e cadaverica, chlorótica e taci-
turna. Vivia num dialogo constante com a soledade
da cella, alimentava-se com a saudade, sombra
querida, que lhe povoava a mente, e, nas noites
sombrias, conversava, no seu hystericismo, com as
estrellas, pedindo-lhes que fossem as mensageiras
de suas magoas ao amante querido.

A abbadessa, matrona de avançada idade, rochun-
chuda, sadia, phletorica, procurava ablegar aquella
paixão incompativel com o viver do claustro. Pondo
as mãos brancas e empapuçadas sobre a cabeça da
reclusa, aproveitando do seu temor fanatico e hys-
terico, dizia, apontando para as estrellas:

— São almas de freiras rebeldes, vagando eterna-
mente no espaço infinito; illudiram ao mystico
esposo, concebendo no coração affecto a outro

homem; para castigal-as, o Senhor condemnou-as á
soledade eterna.

E ella ficava, então, transida de horror, fitando
os astros, almas de monjas que tiveram outros
amores.

Na sua allucinação hystericica, após longas horas
passadas na oração, punha-se a escutar a brisa
sussurrando entre as arvores, e parecia-lhe a voz
das estrellas, freiras condemnadas á solidão eterna,
repetindo em côro:

Sé maldito, oh! Christo!

*

Horrorisada por aquellas phrases hereticas, que
julgava ouvir, a reclusa encerrava-se na cella, e,
postando-se de joelhos, collocando os cilicios, fe-
rindo as proprias carnes, implorava ao Nazareno,
pregado alli, na edicula, na tosca cruz de madeira,
compaixão e misericordia, o esquecimento d'aquelle
amor, perdição de sua alma.

A' proporção que se martyrisava, fallando
n'aquella paixão sacrilega, approximava-se o paro-
xismo hystericico.

O Christo, descarnado, parecia desprender-se da
parede, avolumando-se, tomando carnção nova, e
nova fórma, transfigurando-se na imagem do homem
amado, caminhar, lentamente, para a freira, e
apertal-a estreitamente de encontro ao peito, pou-
sando os labios nos d'ella.

Ao influxo d'aquella visão voluptuosa, uma cor-
rente sensual lhe percorria todo o organismo, e
ella espojava-se no catre, sentindo todos os êstos
de volupia que poderia dar-lhe o homem amado.
Um estremecimento convulsivo lhe percorria o
corpo; dando um gemido prolongado, ella adorme-
cia, emfim, extenuada e desfallecida.

E no dia seguinte, como nos outros, como sempre,
erguendo-se alquebrada, mortificada, com duas
enormes olheiras, com o espirito lucido, entrega-
va-se ás suas orações e celicios, porque só estes a
poderiam livrar do castigo a que estão condemnadas
as freiras infieis ao esposo divino.

A abbadessa, julgando proficua a sua predica,
apontava-lhe, todos as noites, as estrellas, narra-
do-lhe a causa d'aquella solidão no espaço.

*

Os jejuns e mãos tractos, as mortificações e os
prazeres solitarios, deturpuram-lhe o organismo,
tornando-a louca furiosa.

As outras reclusas recuavam horrorisadas do
claustro da louca, julgando ser um castigo pelo
reprobio de haver anteposto um amante ao mystico
esposo.

Cada vez mais esguia e mais esqueletica, a freira,
heril, atravessava a cella de um extremo a outro,
como um duende, nas horas mortas da noite; na
sua allucinação não se esquecia nunca do amante.

Muitas vezes, parando em frente á grade, como quem escuta, julgando o vento, que zumbia na frança das arvores, a voz das estrellas, acompanhando o côro imaginario dos astros precitos, repetia como um dobre de finados :

Sê maldito, oh! Christo!

*

E até hoje, nas horas solitarias da noite, as monjas, que passam em frente á cella vasia da louca, ainda ouvem a voz funebre, distincta, repetindo aquella maldição continua.

A. FOSCOLO.

POEMA DA AUSENCIA

PREFACIO

« Hei de partir, farei o teu desejo... »
Era de todas a suprema ameaça!
E eu dizia: Pois vae-te, e achava graça
N'esse amúo de rapido lampejo.

Outras vezes era eu que tinha ensejo
De dizer-te: Talvez que agora eu faça
Uma viagemzinha, e, por desgraça,
Esse triste momento chegar vejo!

Mas logo arrependia-me da magoa
Que te punha nos olhos rasos d'agoa
Doce expressão de supplica dorida!

E só de novo o riso apparecia
Quando entre beijos eu te repetia:
Tu não vês que é mentira, minha Vida?

CANTO I

Eis a primeira vez que nos deixámos.
Depois de tantos annos decorridos!
Mesmo nos dias máos, então vividos,
N'esta separação jamais pensámos!

Hoje, no emtanto, a casa que habitámos;
Onde a tua voz cantava aos meus ouvidos,
Lembra os desertos ninhos esquecidos
Que os passarinhos deixam sobre os ramos.

Tudo espera por ti, ouviste? tudo!
A tua *Tosca*, o teu canario, mudo,
Que cantaria se te ouvisse ainda!

Tudo espera por ti, ó doce amada!
Volta e traze comtigo a turba alada
Dos nossos sonhos de ventura infinda!

CANTO II

Ha tantos dias já que te partiste!
Que te não vejo, que não te ouço a falla!
Se pergunto por ti tudo se cala,
Tudo se cala porque tudo é triste!

No emtanto, ó anjo, n'este casa existe
Tudo que é teu, que teu perfume exhala!
E o teu retrato preso, aqui na sala,
Fita-me e mudo á minha dor assiste!

Vejo o teu piano! Que saudade immensa
Das musicas de Coen, de Tosti e Denza!
Porque é que o riso d'esta casa foge?!

Doce, magoada, volve-me á lembrança
Essa de Coen ternissima romanza,
Que cantavas tão bem — *Allora ed Oggi!*

CANTO III

Quando voltares entre as alegrias
Que aqui desfolha o teu sorriso amigo,
Por entre beijos ralharei comtigo
Por viveres sem mim tão longos dias!

Saberei de teus labios se sorrias
Durante os dias d'este meu castigo.
Se entre os estranhos todos que maldigo
Tinha a tua voz as mesmas melodias.

Saberei de teus olhos se choraste,
Quantas noites de insomnia tu passaste
Na solidão de um quarto estranho e mudo!

Hei de saber, e, então se, como eu penso,
Teu soffrer como o meu foi grande, intenso!
Perdôo-te o abandono, a ausencia, tudo!

AMÉRICO MOREIRA.

Março de 93.

MIMOSA

I

Commo eu a amo!
Amo-a, porque sei que ella tambem me ama, e
com tanto mais sincero amor quanto é desinteresado.

Quanto em mim fita seus olhos azues e meigos,
azues como o azul profundo do mar, meigos como o
olhar de uma criança, seus olhos que supplicam
apenas caricias, nelles traduzo todo o amor de Mi-
mosa.

Boa Mimosa!



MOREIRA SAMPAIO

Nada me pede; nada exige de mim; nenhum sacrificio me impõe; nenhum desgosto me causa.

Ame-a eu, e eil-a feliz

Amo-a, sim; e quem dera a muitas mulheres serem amadas de tal modo!

II

Mimosa veio para a minha companhia por morte da mãe.

Orphan, sem apoio no mundo, merecia, por isso mesmo, todo o conchego e carinho.

Se era tão boa!

Com verdadeira infantilidade lançava-se para mim, apenas me via entrar em casa, e não me deixava mais.

Saltava de contente; passava-me as mãosinhas pelo rosto; offerecia-me aos beijos o collo mais branco que o lyrio; prodigalizava-me mil afagos de criança louca.

Se, porém, contrariado por qualquer motivo, eu não lhe retribuia os mimos, como que a velava uma nuvem de pezar, e ficava immovel n'uma cadeira, a fitar-me triste com aquelles olhos azues e meigos, azues como o azul profundo do mar, meigos como o olhar de uma criança.

III

Um dia, comecei a notar nos habitos de Mimosa sensível mudança.

Não era a mesma, não.

Percebia-se-lhe uma como preocupação, que eu não sabia explicar-me.

Quando me recolhia á casa não a encontrava, como outr'ora, á minha espera.

Evita-me, fugia de mim.

Dir-se-ia pungir-lhe o espinho agudo de um remorso.

Ou antes: não seria receio de uma exprobação?

Deitava-se tarde e, quando eu accordava, já não a via a meu lado, como de costume.

Tomava mal as refeições e, se eu instava para que aceitasse uma iguaria qualquer, abanava a cabeça e recusava.

Decididamente aquillo não era natural.

Mimosa tinha alguma coisa que a magoava.

Que seria?

Jurei a mim mesmo descobri-lo, e, para o conseguir, resolvi-me a espreitar seu procedimento:

Espreitar! Que acção feia! Mas assim era preciso.

IV

Na casa contigua á nossa, morava o João Raymundo, respeitavel pae de duas interessantes meninas e de tres pandegos rapazes estudantes, um da Faculdade de Medicina, outro da Escola Polytechnica e o terceiro da confeitaria do Castellões.

Escusado é dizer que dos tres era este ultimo o que mais progressos revelava nos estudos.

Nossas familias mantinham amistosas relações e visitavam-se frequentemente.

O João Raymundo era um bom velho; as meninas, boas meninas; mas os rapazes não me agradavam lá muito para que digamos.

O velho tinha a mania dos bichos.

Coelhos brancos e malhados, cães de varias castas, gatos, aves domesticas, passaros, duas pacas, uma saracura e até um quati, formavam a, como elle dizia, sua segunda familia.

Uma arca de Noé completa, faltando apenas o quati femea e o macho da saracura.

Cerbero, um bello cão da Terra-Nova, *Mascotte*, uma galga linda, e *Bismark*, um gato enorme, eram os *enfants gatés* da casa. O João Raymundo adorava-os.

Era um gosto vel-o, á tarde, debaixo de uma vetusta mangueira, cercado das duas familias, e, ás vezes, das tres, quando a minha lá estava.

V

Resolvido a observar, quanto pudesse, o procedimento de Mimosa, não a perdia de vista sempre que me achava em casa.

Cada vez me parecia mais scismatica e preocupada; cada vez mais arisca, permitta-se-me a expressão.

O seu logar predilecto era a varanda em que abria a sala de jantar.

Alli ficava horas esquecidas a olhar para a casa do João Raymundo.

A olhar, a olhar...

Uma occasião estava tão distrahida, que não sentio approximar-me nas pontas dos pés.

Mal, porém, appareci, um vulto que estava á varanda do visinho escondeu-se rapidamente.

Não tive tempo de ver quem era.

Mimosa olhou para traz, deu commigo e fugio para o interior.

Não havia duvidas.

O negocio era na casa do João Raymundo.

Era o amor a causa da mudança de Mimosa.

Tive ciumes.

Tive, sim; para que negal-o?

Sahi, e, como tinha combinado com um amigo, fui ao theatro.

Quando voltei, o luar era magnifico. Um luar esplendido.

Mimosa estava á varanda e... não sei porque, mas ia jurar que não estava só.

Reconhecendo meus passos, entrou precipitadamente.

A occasião era talvez opportuna para demonstrar-lhe o meu desgosto pelo seu procedimento.

Mas... se fosse innocente?

Sim; eu não tinha uma prova...

A duvida, sempre a duvida !
Recolhi-me ao quarto, deitei-me e adormeci.

VI

Tarde, bem tarde (seriam tres horas da madrugada), tive um pesadelo medonho.

A casa ardia em chammas e eu, preso no quarto, sem ter por onde fugir, a ver o incendio augmentar, approximar-se voraz, ameaçando tragar-me !

E, coisa esquisita, das labaredas sahiam cobras e cobras de fogo, mas cobras verdadeiras, vivas, com os olhos incendiados, com as fauces escancaradas, cobras interminaveis !

Aterrado, abria a boca para gritar, mas uma das cobras entrava-me por ella, entrava, entrava, e á medida que entrava, o meu ventre avolumava-se, tomava proporções assustadoras, até que a cobra começava a sahir, sahir, para ceder o logar a outra que entrava, entrava, entrava...

Emquanto isto se dava, ouvia eu a voz de Mimosa, plangente, dolorosa, agoniada.

Eram gemidos, gritos dilacerantes.

As chammas envolviam-n'a, a misera debatia-se em contorções terríveis.

Fiz um esforço, consegui arrancar a quinta cobra que entrava, dei um grito estridente, e acordei.

Mimosa não estava no leito.

Chamei por ella; acudio promptamente.

Vinha da varanda da sala de jantar.

VII

Passaram-se alguns mezes.

Mimosa já não fugia de mim; cada vez, porém, parecia mais triste, mais soffredora.

Appetite nenhum.

O que devéras me intrigava era que, longe de emmagrecer, engordava a olhos vistos.

Um dia, faz hoje um mez, depois que eu sahi de casa, Mimosa metteu-se na cama.

Só voltei á noite e, perguntando por ella a minha tia, soube do que se passára.

Corri, assustado, para o quarto.

Mimosa dormia.

Examinei-a.

Não tinha febre, mas o somno era agitado.

Evitei acordal-a; despi-me com cautela e tratei de descansar.

Pela madrugada, senti desusado movimento no leito.

Prestei attenção...

Ouvi uns gemidos, ou antes, um côro de gemidos, fracos, muito fracos, quasi imperceptíveis.

Tirei um phosphoro de sobre a mesa de cabeceira, risquei e acendi a vela.

Olhei e vi...

Quatro gatinhos recém-nascidos !

Compreendi tudo:

O vulto que fugira da varanda, quando appareci, era o *Bismark* do visinho João Raymundo.

Quanto a Mimosa, estava junto aos filhinhos, toda satisfação e orgulho, a olhar-me com aquelles olhos azues e meigos, azues como o azul profundo do mar, meigos como o olhar de uma criança.

MOREIRA SAMPAIO.

AO AR LIVRE

A UM PINTOR

Tivesse o verso as tintas animadas,
As vivas cores nitidas, divinas,
Com que sabes pintar, com que illuminas
Nuvens e rios, montes, alvoradas...

N'um quadro agora a largas pinceladas,
Eu pintava dos céos as côres finas
E Maio a rir festivo, nas campinas,
Cravos abrindo e rosas perfumadas,

Enfeitado de pampanos; ridente
Como um Sylvano, um satyro contente,
Do sol n'um raio envolto, irradiante...

Depois, lançando o meu olhar em roda,
Tudo pintava, a natureza toda,
N'uma explosão de canticos vibrante !...

A. PERES JUNIOR.

VULTOS E FACTOS

A casa editora Magalhães & Ca. deu ao publico mais um milheiro, o quinto, do triumphante livro de Affonso Celso Junior.

Começa o prologo desta nova edição com as seguintes palavras:

« Em tres semanas e só na cidade do Rio de Janeiro, esgotaram-se as duas primeiras tiragens desta obra — mil exemplares cada uma.

Outra edição, tambem de dous mil exemplares, vendeu-se em um mez. »

E' caso extraordinario nos annaes das nossas letras, notando-se, para maior victoria do autor, que esse brilhante successo de livraria foi acompanhado pelo mais completo successo litterario.

E foi muito justo e natural que assim acontecesse, porque o livro, sobre trazer como garantia a assignatura de um nome illustre, querido e respeitado, tem actualidade, é bem escripto, feito com fina graça e elegante singeleza de estylo, palpitante de inte-

resse nas suas variadas descrições de scenas e caracteres, e, além de tudo, está nitidamente impresso e artisticamente disposto de principio a fim.

Os Srs. Magalhães & C^a., pelo esmero e zelo que põem no desempenho da sua difficil missão de editores brasileiros, e pela coragem com que vão dando ao publico obras novas de litteratura nacional, fazem-se dignos daquelle successo e dos nossos melhores elogios.

Até hoje, força é confessar, bem raras occasiões têm tido de ser elogiados os editores do Rio de Janeiro.

AMARANTE.

PARABOLA

Em pomar (que é fructifero arvoredo)
Ao pé de um limoeiro um outro achou-se ;
Aquelle eu sei que dá limão azedo,
Mas este deve dar o limão doce.

Inda que não lhes falte essa cultura
De póda e regalia e morno estrume,
Não se transmite a citrica doçura,
Communica-se o critico azedume.

Aqui ha carambola por tabella,
Isto é, se der ao filho companheiros,
Saiba o pae empregar toda a cautela,
E sirvam-lhe de exemplo os limoeiros

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, Novembro de 1892.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Quando o homem faz considerações d'esta especie, o plantonismo foi-se. Nesse momento, Lucio esqueceu-se completamente de Carmen. Recostou-se com abandon na poltrona, cruzou as pernas, firmou-se, apoiando o braço sobre a colcha do leito, e discorreu sobre as difficuldades da carreira medica.

A Dolores o que a magnetisava era a sonoridade d'aquelle voz energica, em cujos timbre ao mesmo tempo se percebiam o tom musical e a affluencia de

vibrações sympathicas, d'essas vozes que nos chamam de distancia e emudecem aos que as escutam.

A'quelle quadro, representado por tres personagens de indoles e misteres bem diversos, presidia invisivel o Satanaz das tentações.

A mudez de Carmen era eloquente. O seu espirito vidente assistia ao prologo de uma comedia cujo enredo a inexperiencia não lhe podia por emquanto patentear. O instincto annunciava-lhe a aproximação do *simoun* desconhecido.

Dolores era sua mãe, e, se bem lhe mordesse a epiderme o primeiro calafrio do ciume, em todo o caso a consciencia repellio a ideia de um amor criminoso.

— Todavia — pensou — o que significava o apparente enthusiasmo de Lucio? Seria por calculo que todas as suas attentões se dirigiam a Dolores? Amal-a-hia, a ella, Carmen, como constava, como lh'o tinha dado a entender?

E como ponto final, irrisorio, Dolores libertou a mão esquerda e estendeu-a, apresentando o pulso ao medico e interrogando-o se havia chegado a intermittencia febril.

Lucio sorriu e demorou-se a consultar automaticamente o pulso e calculadamente o torneado do braço, que a pouco e pouco augmentava em volume, como as pyramides conicas vistas do vertice á base.

Foi n'esse momento que o perfume esparso por sobre as mãos da doente impressionou-lhe a pituitaria.

Como os raios de luz que auxiliam a vista quando contemplamos um quadro distanciado, os perfumes têm a propriedade de despertar o tacto, de actual-o a ponto de o desvairar.

Lucio não tinha conhecimento d'este facto só por conjectura ou raciocinio proprio; muito bem sabia que, de ha muito, preocupava a attenção de medicos provecctos a influencia que exercem os perfumes sobre o organismo humano. Seja como for, esqueceu-se e foi uma das victimas. A principio, o aroma despertou-lhe a sensação agradável que todos sentem quando a intensidade da fragancia não ataca de subito o systema nervoso. A pouco e pouco, porém, como o oriental que se abandona á embriaguez do opio e adormece indolentemente cerrando entre dentes a boquilha de ambar do seu cachimbo monstro, assim se abandonou a uma ideia que lhe occorreu inesperadamente, sem deixar a posição de medico que conta as pulsações de um doente.

A' distancia, Carmen, sem adivinhar a obra de Satanaz, atemorizou-se ao ver a demora da consulta a que se dava de novo o medico.

— Alguma crise — pensou — pronunciando essa palavra verdadeiramente ôca de que se servem os profanos todas as vezes que pretendem explicar a si e aos outros a perturbação physica de um individuo.

Crise ou não, Lucio, a quem não se havia de todo obscurecido a consciencia, abandonou o pulso de Dolores, como se porventura se lhe queimassem os

dedos ao contacto daquella epiderme avelludada, acalorada e tenra ainda.

O que não escapou ao espirito observador de Carmen, foi que á pergunta da mãe o moço não havia respondido.

Se o coronel Blanco, á medida que educava a enteada lhe fosse dando romances, em que os amores, as paixões e os adulterios se accumulam, se repetem e chocam com afrequecia de vagalhões em praias, não era certo que á sua intelligencia perspicaz e lucida teriam escapado a hypocrisia de Dolores e a allucinação do seu companheiro de infancia.

Faltava lhe, porém, o conhecimento d'essas misérias; essa innocencia relativa de mulher solteira e virgem constituia o seu throno de ideal: a fé no amor.

Interpretou de modo differente o silencio do medico.

— Ha enfermidades — pensou elle, erguendo-se da cadeira e dirigindo-se a passos curtos para fóra do quarto — ha enfermidades que os medicos occultam porque são o resultado de condições phisicas impostas pela idade...

O raciocinio suspendeu-se-lhe n'umas reticencias prolongadas, marcadas pelo ruido surdo dos passos sobre o tapete.

— E' indiscrição estar presente — murmurou, depois de passar ao aposento contiguo.

— Até que afinal! — suspirou Dolores, investigando com o olhar alegre todos os recantos, como quem receiava encontrar por alli a sombra de sua filha.

Lucio, ainda immerso n'um sonho de ebrio, abriu desmedidamente as pupillas, ergueu a fronte e fixou a vista sobre o rosto da *doente*, sem comprehender o que queria ella dizer com aquella phrase: até que afinal!...

E logo, como quem resolvesse um problema que o mortificava, procurou Carmen com os olhos.

— Não está! — respondeu-lhe Dolores, que havia adivinhado o gesto do moço. Foi-se...

Lucio sorriu. Uma alegria intima dominou-o por momentos; sim, afinal, Carmen era una criança, e por uma dessas revoluções do organismo e do espirito, o systema nervoso sentio as vibrações a que se acostumava em Pariz em noites de delirio, em ceias de millionario, em que tudo se pagava, as viandas, o *champagne* e os beijos das *cancanistas*.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

O Recreio poz em scena um dramalhão portuguez intitulado os *Ladrões do mar*, escripto pelo defuncto José Romano, autor do famoso *Vinte e Nove ou Honra e Gloria*.

E' uma peça em que há de tudo, e que promette conservar-se por muito tempo em scena, deliciando os frequentadores do Recreio. Como obra litteraria não vale nada, mas o nosso theatro não vive de litteratura.

Quanto ao desempenho dos papeis, direi que os artistas fazem o que podem, o que não quer dizer que façam pouco e o que não quer dizer tambem que façam muito.

*

A magica o *Diabo coxo*, trabalho posthumo de Soares de Sousa Junior, foi, finalmente, exhibida no Variedades.

Dizem que a emprezaria Ismenia dos Santos gastou quarenta contos de réis com a montagem da peça, e eu acredito, porque os scenarios são sumptuosos, os vestuarios de luxo, e os machinismos e tramoias de muito effeito.

A peça parece-se com todas as peças do seu genero, mais engraçada que umas, menos interessante que outras; a musica poderia ter sido escolhida com mais acerto.

Do desempenho destacarei a graciosa Lopiccolo, um actor portuguez chamado Galvão, que eu não conhecia, e uma estreiante, D. Olympia, que pertence a duas familias de artistas, Amoedo e Montani.

*

O Sant'Anna fez *réprise* da *Garra de Açor*, opereta em 3 actos, cuja primeira representação se realisou em beneficio do sympathico actor Colás. Todos sabem que *Garra de Açor* é *Les braconniers*, de Chivot, Duru e Offenbach, e que a peça foi traduzida por Eduardo Garrido com a graça e a leveza que elle põe na execuçãõ d'esses trabalhos. Os artistas do Sant'Anna deram todos muito boa conta do recado, mas é de justiça collocar no primeiro plano Mattos, o incançavel Mattos.

*

Coisa rara! — Tivemos no Polytheama uma zarzuela nova, *Mantos e capas*, libretto de Xavier Santero, musica de Cabellero e Nieto. A peça, baseada numa anedocta politica do tempo de Carlos III, é bem escripta em versos faceis e conceituosos, versos de theatro como só hespanhóes os sabem escrever; a musica é bonita; o desempenho foi muito regular.

*

O Club da Gavea convidou-nos para o seu ultimo espectáculo. Representaram-se as comedias *Meu marido está ministro* e a *Timidez de Cornelio Guerra*. Só temos elogios para os respectivos amadores.

X. Y. Z.